

BRUNO LATOUR

assistante.latour@gmail.com

Institut d'Etudes Politiques de Paris (Sciences Po), França / London School of Economics, Reino Unido / Universidade Harvard, Estados Unidos da América

ONDE ATERRAR? COMO NOS PODEMOS ORIENTAR NA “POLÍTICA”?

RESUMO

Este ensaio propõe relacionar três fenómenos como sintomas da mesma situação histórica: a globalização, as desigualdades por esta provocadas e a mutação climática. Mas este último fenómeno – a mutação climática – coloca-nos um desafio sem precedentes: onde aterrar? Agora, se não há planeta, terra, solo ou território que possa abrigar o mundo da globalização para o qual todos os países pretendiam aceder, então ninguém tem, como dizem, um “sou eu” garantido. Assim, cada um de nós se depara com a seguinte pergunta: “devemos alimentar sonhos de fuga ou procurar um território habitável para nós e para os nossos filhos?”. Por outras palavras, ou negamos a existência do problema ou procuramos onde aterrar. Isso é o que atualmente nos divide, muito mais do que nos juntarmos à direita ou à esquerda.

PALAVRAS-CHAVE

política; mutação climática; globalização; aterrar

INTRODUÇÃO

Este ensaio pretende aproveitar a eleição de Donald Trump, a 11 de novembro de 2016, para relacionar três fenómenos que alguns comentadores já identificaram, mas cujas ligações nem sempre são realçadas – o que equivale a não ver a imensa energia política que poderia derivar da sua associação.

No início dos anos 90, logo após a “vitória contra o comunismo” simbolizada pela queda do Muro de Berlim, ao mesmo tempo que alguns acreditavam que o curso da história havia acabado (o caso de Francis Fukuyama, entre outros), outra história tinha começado. Uma história marcada, em primeiro lugar, pelo que foi chamado de “desregulamentação” dando à palavra “globalização” um sentido cada vez mais pejorativo. Mas essa história também indica, em todos os países simultaneamente, o início de uma explosão cada vez mais vertiginosa de desigualdades. Finalmente, e embora seja o menos indicado, a imprensa começa neste momento a negar sistematicamente a existência da mutação climática (o “clima” é aqui entendido no sentido geral das relações humanas com as suas condições materiais de existência).

Este ensaio, então, propõe perceber esses três fenômenos como sintomas da mesma situação histórica. Tudo parece indicar que boa parte das classes dominantes (o que agora é chamado, muito imprecisamente, as “elites”) concluiu que não há espaço suficiente na Terra para elas e para o resto dos seus habitantes.

Portanto, as elites acabaram por considerar inútil a ideia de que a história está a caminhar para um horizonte comum onde “todos os homens” podem prosperar da mesma maneira. Desde os anos 80 que as classes dominantes já não pretendem liderar, mas antes estar seguras fora do mundo. Dessa fuga, da qual Donald Trump é apenas um sintoma entre muitos, todos sofremos as consequências, alienados como estamos por causa da ausência de um mundo comum para partilhar.

A hipótese é que as posições políticas assumidas desde há 50 anos são incompreensíveis se não se conceder um lugar central à questão do clima e à sua negação. Sem a ideia de que entramos num “novo regime climático”, não se pode entender a explosão das desigualdades, a extensão da desregulamentação ou a crítica da globalização, ou, acima de tudo, o medo que dá origem ao anseio de retornar às antigas proteções do estado nacional – o que é injustificadamente chamado de “ascensão do populismo”.

Para resistir a essa perda de orientação comum, será necessário “aterrar” nalgum lugar. Daí a importância de saber como se orientar. E, conseqüentemente, desenhar algo como um mapa das posições impostas por essa nova paisagem, na qual não apenas os afetos da vida pública são redefinidos, mas também o que está em jogo.

As seguintes reflexões, escritas num estilo voluntariamente abrupto, tentam explorar se algumas emoções políticas podem ser canalizadas para

novos objetos. O autor, sem qualquer autoridade em Ciência Política, só pode oferecer aos leitores a oportunidade de desafiar essa hipótese e buscar as respostas possíveis.

EVENTOS QUE MOBILIZAM

Devemos agradecer aos eleitores de Donald Trump por ajudarem a trazer essas questões à "luz do dia", levando-o a sair, a 1 de junho de 2017, do Acordo de Paris sobre o clima.

Nem o ativismo de milhões de ambientalistas, nem os alertas de milhares de cientistas, nem a ação de centenas de industriais, nem até o Papa Francisco, têm conseguido chamar a atenção para a questão. Ao invés, Trump fez isso: agora todos sabem que a questão climática está no centro de todos os desafios geopolíticos e diretamente ligada ao problema da injustiça e da desigualdade.

Ao se retirar do acordo, Trump finalmente desencadeou, explicitamente, se não uma guerra mundial, pelo menos uma guerra contra a realização do teatro de operações: "nós americanos não pertencemos ao mesmo planeta Terra. O 'seu' pode ser ameaçado, mas o nosso nunca será!".

Essa atitude revela as consequências políticas, muito em breve militares e, em todo o caso, existenciais, que Bush-pai havia anunciado em 1992, no Rio de Janeiro: "o nosso modo de vida não é negociável!". Agora, pelo menos, as coisas são claras: não existe mais o ideal de um mundo partilhado pelo que, até agora, era chamado de "o Ocidente".

Primeiro evento histórico: *bretxit*. O país que inventou o espaço de mercado indefinido, tanto no mar quanto na terra; ele que implacavelmente exortou a União Europeia a não ser simplesmente uma vasta boutique... Esse mesmo país, confrontado com o surgimento de algumas dezenas de milhares de refugiados, decide, por impulso, não continuar a jogar a globalização. Em busca de um império que há muito desapareceu, está a tentar separar-se da Europa (à custa de dificuldades cada vez mais inextricáveis).

Segundo evento histórico: a eleição de Trump. O país que impusera ao mundo a sua globalização particular, e com que violência; o país fundado na emigração, que eliminou os seus primeiros habitantes, confia o destino àqueles que prometem isolá-lo como fortaleza, não permitindo que refugiados entrem, não participando de nenhuma causa fora da sua terra, continuando a intervir em todas as partes com o mesmo constrangimento desavergonhado.

Esse novo interesse pelas fronteiras, em países que defenderam o seu desmantelamento sistemático, sela o fim de uma maneira de conceber a globalização. Dois dos principais países do antigo "mundo livre" dizem aos outros: "a nossa história não tem nada a ver com a tua; vai para o inferno!".

Terceiro evento histórico: o retorno, a extensão e a ampliação das migrações. Ao mesmo tempo que cada país se ressentia das múltiplas ameaças da globalização, muitos têm que se organizar para receber milhões de pessoas nas suas terras – alguns dizem que são dezenas de milhões! – e que a ação acumulada das guerras, a falhas de desenvolvimento económico e a mudança climática lançam a busca por um território habitável para eles e para os seus.

Pode-se dizer que é um problema antigo? Não, porque esses três fenómenos são aspetos diferentes da mesma e única metamorfose: a própria noção de solo está a mudar na natureza. O terreno sonhado da globalização começa a desaparecer. Há toda uma novidade do que, pontualmente, é chamada de "crise migratória".

Se a angústia é tão profunda é porque começamos a sentir que o chão desaparece sob os nossos pés. Porque estamos a descobrir, com relativa clareza, que estamos todos a migrar para territórios a redescobrir e a reocupar.

E isso é por causa de um quarto evento histórico, o mais importante e menos discutido: em 12 de dezembro de 2015, em Paris, durante o acordo climático: a cúpula COP21 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas).

Para medir o verdadeiro impacto dessa cúpula, o importante não é tanto o que todos os delegados decidiram, nem mesmo o facto de que esse acordo é aplicado ou não (os negacionistas farão o que for preciso para destruí-lo). Não, o importante é que naquele dia todos os países signatários, embora aplaudissem o sucesso de um acordo improvável, entenderam com horror que, se executassem os seus respetivos planos de modernização, não haveria planeta compatível com as suas expectativas de desenvolvimento. Eles precisariam de vários planetas, mas só existe um.

Agora, se não há planeta, terra, solo ou território que possa abrigar o mundo da globalização para o qual todos os países pretendiam aceder, então ninguém tem, como dizem, um "sou eu" garantido.

Assim, cada um de nós se depara com a seguinte pergunta: "devemos alimentar sonhos de fuga ou procurar um território habitável para nós e para os nossos filhos?".

Por outras palavras, ou negamos a existência do problema ou procuramos onde aterrar. Isso é o que atualmente nos divide, muito mais do que nos juntarmos à direita ou à esquerda.

E isso aplica-se tanto aos antigos habitantes dos países ricos quanto aos futuros. Para os primeiros, porque eles devem entender que não há planeta propício à globalização e que serão forçados a mudar o seu modo de vida; para os últimos, porque terão que deixar o seu antigo solo devastado e aprender, de uma vez por todas, a mudar o seu modo de vida.

Por outras palavras, ajudamos na generalização da crise migratória.

Para os migrantes vindos do exterior, que têm de atravessar fronteiras ao preço de imensas tragédias para deixar o seu país, devemos acrescentar agora os migrantes do interior que sofrem, permanecendo no mesmo lugar, o drama de serem abandonados pelo seu país. O que torna difícil pensar sobre a crise migratória é que esse é um sintoma doloroso, em maior ou menor medida, de um teste comum para todos: encontrar-se privados de terra.

Este teste é o que explica uma certa indiferença à urgência da situação, e nos permite entender por que somos todos "quietistas climáticos" quando confiamos que, sem fazer nada, "tudo acabará sendo resolvido ...". É inevitável perguntar sobre o efeito na nossa mentalidade das notícias diárias sobre o estado do planeta. Como não se sentir interiormente destruído pela ansiedade de não saber como enfrentar a situação?

Essa preocupação, tanto pessoal quanto coletiva, torna a eleição de Trump tão importante, sem a qual nada mais seria do que o roteiro de uma série de televisão medíocre. Os Estados Unidos tinham duas opções: ao perceberem o alcance da mudança e a magnitude da sua responsabilidade, poderiam, finalmente, ser realistas e tirar o "mundo livre" do abismo. Ou, pelo contrário, poderiam ir mais fundo na negação. Aqueles que se escondem atrás de Trump decidiram atrasar o pousio e prolongar o sonho da América por mais alguns anos, o que acaba por arrastar os outros países para o abismo – talvez definitivamente.

ONDE ATERRAR?

Até agora, os países que decidiram "modernizar" o planeta não fizeram essa pergunta a si próprios. A pergunta foi feita, e com quanta dor, àqueles que sofreram, por quatro séculos, o impacto das "grandes descobertas", dos impérios, da modernização, do desenvolvimento e, finalmente, da globalização. Eles sabem perfeitamente o que significa ser privado

da sua terra e até ser expulso dela. Pela força de viver as duas experiências, tornaram-se especialistas em sobreviver à conquista, ao extermínio e à desapropriação do seu solo.

A grande novidade para a modernização dos povos é que, a partir de agora, essa questão é dirigida tanto a eles como aos outros. É talvez menos sangrento, menos brutal, menos detetável, mas é um ataque extremamente violento para tirar o território daqueles que, até agora, possuíam uma terra – na maioria das vezes porque tinham roubado os outros no curso das guerras de conquista.

Isso acrescenta um sentido imprevisto ao termo “pós-colonial”, como se houvesse uma relação entre dois sentimentos de perda: “você perderam o nosso território? Nós o roubamos? Saibam que agora estamos também a perder...”. Então, curiosamente, na ausência de uma fraternidade que seria indecente, aparece algo como um novo elo que desloca o conflito clássico: “como conseguiram resistir e sobreviver? Seria bom se também aprendêssemos convosco”. Perguntas seguidas por uma resposta irónica, expressa no início de forma muda: “bem-vindo ao clube”.

Por outras palavras, a impressão de vertigem, quase de pânico, que perpassa toda a política contemporânea, vem do facto de que o chão cede aos pés de todos de uma só vez, como se se sentisse atacado, em todos os lugares, nos seus hábitos e até na propriedade.

Já repararam que as emoções que se colocam em jogo não são as mesmas ao se pedir para defender a natureza – é provável bocejar de tédio – ou defender o seu território – aqui talvez se fique imediatamente mobilizado?

Se a natureza se tornou o território, não há quase nenhum problema ao se falar sobre “crise ecológica”, “problemas ambientais”, uma questão de “Biosfera” para recuperar, salvar, proteger. Isto é muito mais vital, existencial – e também muito mais compreensível porque é muito mais direto. Quando se puxa o tapete sob os pés, compreende-se imediatamente que terá de se preocupar com o chão...

É só uma questão de apego, de estilo de vida, de que nos estamos a separar, o chão, a propriedade, cede sob os nossos pés e essa ansiedade tediosa também, atingindo tanto os antigos colonizadores como o antigo colonizado? Não! Isso permite maior impacto entre os antigos colonizadores, muito menos acostumados a esta situação, do que entre os colonizados. O que é claro, é que todo o mundo fica com falta de espaço universal para partilhar terra habitável.

Mas de onde vem o pânico? Do profundo sentimento de injustiça sentido por todos aqueles que se viam privados das suas terras no momento das conquistas, então durante a colonização e, finalmente, durante a era do "desenvolvimento": um poder vindo de outro lugar está a privar-nos do território e não há como o segurar. Se isso é globalização, então entendemos, em retrospectiva, que resistir ao colonizador sempre foi a única solução; os colonizados estiveram sempre certos em tentar-se defender.

Esta é a nova maneira de sentir a condição humana universal, uma verdade universal bastante perversa (um acordar universal), mas a única que tínhamos, agora que a anterior, a da globalização, parece estar em afastamento na linha do horizonte. A nova universalidade é sentir que o chão está a ceder.

Não é suficiente concordar e prevenir futuras guerras pela apropriação de espaço? Provavelmente não, mas é a nossa única questão: descobrir em comum qual o território habitável e com quem partilhar.

O outro ramo da alternativa é fazer de conta que nada está errado e prolongar, protegendo atrás de uma parede, o sonho acordado do "modo americano de vida" que sabemos que, em breve, nove ou 10 mil milhões de seres humanos não tirarão disso qualquer benefício...

Migrações, explosão de desigualdades e um novo regime climático: toda a mesma ameaça. A maioria dos nossos concidadãos subestimam ou negam o que afeta o planeta Terra, mas entende perfeitamente que a questão dos migrantes está a comprometer os seus sonhos de uma identidade assegurada.

Neste momento, tem sido bem trabalhado pelos chamados partidos "populistas", ao apreenderem a transferência ecológica por, apenas, uma das suas dimensões: a ideia de que nas fronteiras entram pessoas que eles não querem; daí a resposta: "vamos construir fronteiras estanques e vamos escapar à invasão!".

Mas é a outra dimensão dessa mesma mutação que eles ainda não sentiram totalmente: o novo regime climático há muito que varre todas as fronteiras e nos expõe a todos os ventos, sem que nós possamos construir paredes contra esses "invasores". Se queremos defender os nossos pertences, teremos que identificar também essas migrações sem forma ou nação a que chamamos clima, erosão, poluição, esgotamento de recursos, destruição de habitats. Mesmo selando fronteiras para refugiados, nunca se vai parar o movimento para outros passarem.

"Mas, então, ninguém está mais em casa?"

Não, de facto. Nem soberania do estado nem vedação de fronteira poderá ser resolvido pela política.

“Mas então tudo está aberto, seria necessário viver fora, sem qualquer proteção, jogado por todos os ventos, misturado com todos, lutando por tudo? Não há mais garantias, tudo se move constantemente, vamos perder toda a identidade, todo o conforto? Quem pode viver então?”.

Ninguém está com a razão toda. Nem pássaro, nem prisão, nem um migrante, nem um capitalista. Até Diógenes (o cínico) tem direito a um barril; um nómada, direito à sua tenda; um refugiado, direito ao seu asilo.

Não por se acreditar, nem por um segundo, naqueles que pregam a chamada do mar aberto, a “tomada de risco”, o abandono de todas as proteções e que depois continuam a fingir acreditar no horizonte infinito da modernização para todos; esses bons apóstolos só assumem riscos se o conforto estiver garantido. Em vez de ouvir o que eles dizem, olhe-se bem para o que eles têm nas costas: ver-se-á um brilho no paraquedas de ouro, com cuidado redobrado, que lhes assegura a existência contra todos os caprichos da existência.

O direito mais básico é sentir-se seguro e protegido, especialmente quando as antigas proteções estão a desaparecer.

Este é o significado da história para descobrir: como renovar fronteiras e proteções; como encontrar uma base levando em conta tanto o fim da globalização, à escala da migração, bem como os limites impostos à soberania dos estados que agora enfrentam as mudanças do clima? Acima de tudo, como tranquilizar aqueles que não veem outra salvação a não ser a ideia de identidade nacional ou étnica – ainda que sempre reinventada?

E, além disso, como organizar uma vida coletiva em torno deste desafio formidável de acompanhar, procurando por um solo sustentável para milhões de estrangeiros?

A questão política é tranquilizar e abrigar todas as pessoas forçadas a começar, enquanto os desviam da falsa proteção de identidades e fronteiras impermeáveis.

Mas como tranquilizar? Como dar a todos os migrantes a sensação de que estão protegidos sem descansar imediatamente numa identidade, numa raça, numa descendência ou numa fronteira indígena, à prova de água e seguro contra todos os riscos?

Para tranquilizar, seria preciso o sucesso de dois movimentos complementares que a modernização não fez: concretizar a modernização só num lado; para globalizar no outro lado. Até agora, é verdade, tal operação foi entendida como impossível: entre os dois, diz-se, foi necessário

escolher. É a essa aparente contradição que a história presente pode estar a concluir.

Tradução¹: Pedro Rodrigues Costa & José Pinheiro Neves

REFERÊNCIAS

Latour, B. (2017). *Où atterrir? Comment s'orienter en politique*. Paris: La Découverte.

Latour, B. (2020). *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Citação:

Latour, B. (2020). Onde aterrar? Como nos podemos orientar na "política"? In J. P. Neves; P. R. Costa; P. de V. Mascarenhas; I. T. de Castro & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 259-267). Braga: CECS.

¹ Este texto resulta da tradução da introdução (pp. 9-22) da versão original francesa *Où atterrir? Comment s'orienter en politique* (Latour, 2017). Contudo, ao sair, em meados de 2020, o livro em português editado pela Bazar do Tempo, os editores da obra *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* confrontaram-se com a necessidade de atualizar os estatutos editoriais. Assim, e com a amabilidade da direção da editora Bazar do Tempo, a versão aqui reproduzida resulta também de consultas a essa versão (Latour, 2020).